

As estratégias acusativas de 2ª pessoa em cartas amorosas do sertão de Pernambuco: um estudo pela via da Sociolinguística Histórica

The accusative strategies of 2nd person in romantic personal letters from the Pernambuco: a study through the Historical Sociolinguistics

Estrategias acusativas en 2da persona en cartas de amor de los sedes de Pernambuco: un estudio a través de la Sociolingüística Histórica

Cleber Ataíde

Universidade Federal Rural de Pernambuco, *campus* Serra Talhada (UFRPE/Brasil)
cleberataide@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-9340-9977>

Antônia Carolina Alves da Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco, *campus* Serra Talhada (UFRPE/Brasil)
antoniacarolinea@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-5306-396X>

Valéria Severina Gomes

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE/Brasil)
lelavsg@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4331-7775>

RESUMO

Este artigo insere-se nos recentes estudos sobre a história do Português Brasileiro na perspectiva da Sociolinguística Histórica e tem por objetivo analisar as estratégias acusativas, a partir da gramaticalização do *você* no quadro pronominal de segunda pessoa, em cartas pessoais amorosas, trocadas por sertanejos na década de 50 do século XX. As questões iniciais que envolvem a investigação

* Sobre os autores ver páginas 181-182.



são as seguintes: i) como se deu a implementação do *você* no paradigma de segunda pessoa na função acusativa e a resistência do clítico *te* como estratégia acusativa frente a formas do paradigma de terceira pessoa? ii) Quais contextos morfossintáticos favorecem a ocorrência das formas alternantes na função acusativa na posição pós-verbal? As pesquisas realizadas anteriormente por Lopes *et al.* (2018), Gomes; Lopes (2014) e Ataíde e Lima (2018) complementam o suporte teórico-metodológico da perspectiva da Sociolinguística Histórica proposto por Conde Silvestre (2007) e do modelo de Tradição Discursiva desenvolvida por Kabatek (2006, 2012); Andrade; Gomes (2018) e Ataíde (2020). Os resultados da análise apontam para a confirmação da hipótese de Lopes *et al.* (2018) quanto à resistência do clítico *te* na função acusativa. No que se refere à posição do clítico, constatamos que a próclise é a posição preferida para a colocação do acusativo pelos missivistas e os contextos favorecedores da ênclise foram o início de sentença e quando acusativo foi o pronome *você*.

PALAVRAS-CHAVE: Carta de amor; Estratégias acusativas; Tradição discursiva; Sociolinguística Histórica.

ABSTRACT

This article is part of the recent studies on the history of Brazilian Portuguese from the perspective of Historical Sociolinguistics. Our aim is to analyze the accusatory strategies, based on the grammaticalization of 'você' as second-person pronoun, in romantic personal letters exchanged between individuals from the sertão region in the 1950s. The initial questions that instigate the investigation are the following: i) how did 'você', in the accusative case function, get implemented in the second person paradigm? And how did the clitic 'te' still resist as an accusative strategy in face of the third person paradigm forms? ii) Which morphosyntactic contexts favor the occurrence of alternating forms in the accusative case function in the post-verbal position? The previous researches carried out by Lopes et al. (2018), Gomes; Lopes (2014) and Ataíde and Lima (2018) complement the theoretical and methodological support offered by the Historical Sociolinguistics perspective as proposed by Conde Silvestre (2007) and the Discursive Tradition model developed by Kabatek (2006, 2012); Andrade; Gomes (2018) and Ataíde (2020). The results of the analysis point to the confirmation of the hypothesis of Lopes et al. (2018) regarding the resistance of the clitic 'te' in the accusative case function. With regard to the position of the clitic, we found that proclisis is the preferred position for the accusative to be placed by the missivists and that the contexts favoring the enclisis were the beginning of the sentence and when the accusative was the pronoun 'você'.

KEYWORDS: Love letters; Accusative strategies; Discursive tradition; Historical Sociolinguistics.

RESUMEN

Este artículo es parte de estudios recientes sobre la historia del portugués brasileño desde la perspectiva de la Sociolingüística Histórica y tiene como objetivo analizar estrategias acusativas, desde la gramaticalización de usted en el marco pronominal de segunda persona, en cartas de amor personales, intercambiadas por sertanejos en el Años 50 del siglo XX. Las preguntas

iniciales involucradas en la investigación son las siguientes: i) ¿Cómo fue la implementación del paradigma del tú en segunda persona en la función acusativa y la resistencia del clítico te como estrategia acusativa frente a formas del paradigma en tercera persona? ii) ¿Qué contextos morfosintácticos favorecen la ocurrencia de formas alternas en la función acusativa en la posición post-verbal? Investigaciones anteriores de Lopes et al. (2018), Gomes; Lopes (2014) y Ataíde y Lima (2018) complementan el sustento teórico-metodológico de la perspectiva de la Sociolingüística Histórica propuesta por Conde Silvestre (2007) y el modelo de Tradición Discursiva desarrollado por Kabatek (2006, 2012); Andrade; Gomes (2018) y Ataíde (2020). Los resultados del análisis apuntan a la confirmación de la hipótesis de Lopes et al. (2018) sobre la resistencia del clítico te en la función acusativo. Con respecto a la posición clítica, encontramos que la proclisis es la posición preferida para la colocación del acusativo por parte de los escritores de letras y los contextos que favorecían la enclisis eran el comienzo de la oración y cuando acusativo era el pronombre tú.

PALABRAS CLAVE: Carta de amor; Estrategias acusativas; Tradición discursiva; Sociolingüística histórica.

1 Introdução

Estudos prévios que buscam correlacionar a historicidade da língua e do texto vêm sendo realizados por pesquisadores do Projeto Para a História do Português Brasileiro¹, a exemplo de Marlos de Barros Pessoa (2002) “*Da carta a outros gêneros textuais*” e Alessandra Castilho da Costa (2012) “*Ação – Formulação – Tradição: A correspondência de Câmara Cascudo a Mario de Andrade de 1924 a 1944 entre proximidade e distância comunicativa*”. Em comum nesses dois trabalhos, encontra-se a carta como um gênero que possibilita diferentes olhares sobre os processos de variação e mudança da língua e dos textos. No cenário do sertão pernambucano, a pesquisa de Ataíde e Lima (2018), “*Envio-te mais esta cartinha para dar-te as minhas notícias e saber das tuas: os subsistemas das formas treatmentais Tu~Você em cartas pessoais do sertão pernambucano nos séculos XIX e XX*”², buscou investigar o comportamento variável dos pronomes de tratamento *tu* e *ocê* em cartas de amor sertanejas, compreendidas nos anos 50 e 70, controlando os seguintes fatores intralinguísticos: posição sintática de

¹ Projeto nacional iniciado em 1987, com a participação de equipes de diferentes estados do Brasil, sob a coordenação geral do Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, substituído em 2019, no X Seminário do PHPB, pelo Prof. Dr. Sandro Marcio Drummond Alves Marengo (Universidade Federal de Sergipe). A equipe de Pernambuco foi coordenada pelo Prof. Dr. Marlos de Barros Pessoa, pela Profa. Dra. Valéria Severina Gomes e atualmente é coordenada pelo Prof. Dr. Cleber Alves de Ataíde.

² Subprojeto desenvolvido no Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoe) e financiado com recursos da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE), processo APQ-0042-8.01/15.

sujeito, categoria preenchida e não preenchida das formas e a relação de concordância sujeito-verbo (S-V).

Essa é a linha de trabalho na qual se insere o presente estudo ao analisar as variações das formas dos paradigmas *tu* e *você* no contexto morfossintático acusativo nas cartas de amor do sertão pernambucano na primeira metade do século XX na perspectiva da Sociolinguística Histórica. Desse modo, pretendemos contribuir com os estudos sobre o Português Brasileiro (PB) desenvolvido em várias localidades do país. No sentido de ampliar os estudos com dados de Pernambuco, enveredamos pelo sertão, analisando vinte e duas cartas de amor, produzidas na década de 50 do século XX. A discussão, entre outras reflexões, intenta responder as seguintes questões: i) como se deu a implementação do *você* no paradigma de segunda pessoa na função acusativa e a resistência do clítico *te* como estratégia acusativa no Português Brasileiro frente a formas do paradigma de terceira pessoa? ii) Quais contextos morfossintáticos favorecem a ocorrência das formas alternantes na função acusativa na posição pós-verbal? Subjacente a essas questões, este estudo também lança reflexões de ordem teórico-metodológico sobre a validade de se constituir *corpora* com textos não literários mais próximos da escrita cotidiana de brasileiros, que reflitam um pouco melhor certos traços de oralidade do passado multilinguístico do português brasileiro.

Para sistematizar essa discussão, o artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução. Na seção 1, encontra-se a articulação teórica, com o estado da arte acerca das pesquisas sobre as estratégias acusativas no Português Brasileiro e as considerações acerca da carta de amor e as tradições discursivas. Na seção 2, é apresentada a metodologia da pesquisa, englobando o *corpus*, o local, o perfil sociocultural dos missivistas pernambucanos e os fatores de análise. Na seção 3, são analisadas a frequência das estratégias acusativas, o uso do acusativo em relação ao sujeito, a posição acusativa em relação ao verbo e os indícios de tradição discursiva. Na sequência, encontram-se algumas considerações finais sobre os dados apresentados e as referências bibliográficas utilizadas.

2 Articulação teórica

Por meio das cartas pernambucanas em análise, passamos a conhecer o entorno de quem as escreveu, sobre o local onde vivia, quando escreveu, além obviamente de podermos identificar as estratégias linguísticas utilizadas (CONDE SILVESTRE, 2007). Com base na perspectiva da Sociolinguística Histórica, articulamos a abordagem das estratégias acusativas, retomando pesquisas anteriores; a carta pessoal com um gênero que favorece a identificação das normas de uso da língua em um contexto de espontaneidade e proximidade em correlação com a noção de tradição discursiva, no sentido de identificar modos tradicionais de dizer que fazem parte da natureza do texto.

2.1 As estratégias acusativas no Brasil

No livro *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra numa perspectiva funcionalista*, publicado recentemente pela editora Contexto, Lopes *et al.* (2018) sintetizam diversos estudos acerca do preenchimento do sujeito e dos complementos acusativos, dativos e oblíquos realizados com cartas pessoais dos séculos XIX e XX, nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Santa Catarina. Na análise dos dados, os autores (2018) encontraram as seguintes estratégias³ ocupando a função acusativa: alisado pelos autores:

- (1) [20,1 CP BA]. No momento mais triste da minha vida **te** encontrei o mesmo amigo dos bons tempos do Collegio São João.
- (2) [20,1 CP MG] [...] a nave que você pilota há de erguer voo seguro elevando **você** às alturas onde quiser ficar.
- (3) [19, 2 CP BA] Percizava vello para sentar as couzasmilhor que Deus os traga em Santa Páz, é pelo que fasêmos vótos.
- (4) [19, 2 CP RJ] Com affecto **lhe** abraço e sou sua irmã nos Santíssimos Corações de Jesus e Maria Sor Maria da Divina Pastora. Religiosa do Bom Pastor.
- (5) [20, 1 CP RJ] [...] eu vou bem graças a Deus, de saúde, de amor tu sabes como me sinto, cada vez mais cego, e cada vez querendo **O** amar mais.

Os resultados gerais – com a soma dos dados dos sete estados – apontaram o *te* como clítico mais produtivo, com frequência de 67%. O clítico *o/a* em referência à segunda pessoa figurou em 14% do *corpus*, sendo a segunda estratégia mais utilizada. O clítico *lhe* representa a terceira estratégia mais empregada pelos missivistas, aproximando-se do segundo colocado, com 11% de frequência. O pronome acusativo *você* e a estratégia *zero* foram menos produtivos no *corpus*, com 7% e 1% de frequência, respectivamente.

Os resultados parciais apontam para diferenças na utilização das estratégias na função acusativa a depender da localidade. Na Bahia, o clítico mais produtivo foi o *lhe* (38%), seguido pelo *o/a* (35%) e com menor frequência foram empregados o *te* (9%) e o *você* (1%). Em Pernambuco, a estratégia mais frequente foi o *o/a* (42%), seguido pelo *te* (31%) e os clíticos *você* e *lhe* atingiram a mesma frequência (13,5%). Nas demais localidades, o *te* foi a estratégia mais produtiva. Os resultados de Pernambuco nos interessam mais especificamente, e serão detalhados mais adiante, quando trataremos do

³ cf. Lopes *et al.*, 2018, p. 149

estudo de Gomes e Lopes (2014), uma vez que o *corpus* do presente artigo faz parte do Sertão desse estado.

Quanto à relação dos acusativos com a forma de sujeito empregada (*tu* exclusivo, *você* exclusivo ou a variação de *tu-você*), Lopes *et al.* (2018) observaram que na região nordeste o *te* foi o clítico mais produtivo quando o sujeito era o *tu* (exclusivo). Quando o sujeito empregado nas cartas foi o *você* (exclusivo) houve uma maior variação entre os acusativos utilizados, sendo o *lhe* a estratégia mais frequente na Bahia e no Rio Grande do Norte, com 51% e 100%, respectivamente. Quando houve variação entre os pronomes na posição de sujeito, os clíticos *o/a* foram categóricos no estado da Bahia e no Rio Grande do Norte o clítico *te* foi mais produtivo (66%).

Gomes e Lopes (2014), no trabalho em que analisam os pronomes de segunda pessoa na função de sujeito e de complementos verbais em cartas pessoais – de família e de amigo – escritas por autores pernambucanos nos séculos XIX e XX, identificaram 45 estratégias acusativas. Diferentemente da maioria dos resultados obtidos em grande parte dos estados brasileiros, os dados de Gomes e Lopes (2014) apresentaram como estratégia mais produtiva o clítico *o/a*, figurando em 42% do *corpus*. O clítico *te* foi a segunda estratégia mais empregada (31%), seguida dos pronomes *você* (13,5%) e *lhe* (13,5%). Quanto à relação entre o acusativo e a exclusividade ou alternância do sujeito, as autoras observaram que, nas cartas com uso de *tu* exclusivo, o clítico *te* foi estratégia categórica. Em relação à exclusividade do pronome *você*, houve maior variação entre os pronomes *te*, *você*, *lhe* e *o/a*, este com 59% de frequência. Nas cartas com usos variáveis de *tu* e *você*, foi encontrada apenas uma ocorrência de *o/a* como clítico acusativo.

A alta produtividade do clítico *o/a* nos dados pernambucanos pode ser explicada por dois fatores: primeiramente, pela erudição do remetente Joaquim Nabuco, já que, das 19 ocorrências, o clítico *o/a* foi utilizado oito vezes por esse missivista ilustre; em seguida, pela natureza do texto, já que dos 19 dados do clítico *o/a*, sete deles foram empregados pelo missivista Waldemar de Oliveira, em cartas de família enviadas para a sua mãe. Desses sete dados, seis foram utilizados na seção de despedida, em construções do tipo: “quem muito **a estima**” (GOMES; LOPES, 2014). Esse modo de dizer tradicional no fechamento das cartas de Waldemar de Oliveira evidencia que algumas ocorrências são motivadas pela norma de uso vigente, e outras ocorrências são justificadas por tradições discursivas que conservam determinados usos e que se tornam recorrentes em situações específicas, como exemplifica a fraseologia que encerra as cartas de Waldemar destinadas à sua mãe.

2.2 A carta de amor: uma conversa escrita com modos tradicionais de dizer

A carta de amor, um dos subgêneros da carta pessoal, conserva o traço de “conversação escrita”, marcando características linguísticas espontâneas que evidenciam a proximidade comunicativa. Partindo do estudo do gênero carta pessoal, Pessoa (2002, p. 197) afirma que o surgimento do gênero é o “resultado de transformação de gêneros anteriores através de processos de inversão, deslocamento ou combinação”. Silva (2002, p. 26) afirma que os estudos que consideram a natureza histórica dos textos são necessários “como base para a reconstrução do passado linguístico do português”. Nesse sentido, conforme Costa (2012, p. 145), devemos considerar a carta pessoal como sendo um dos “gêneros textuais mais caros à pesquisa de um *corpus* histórico, porque é um gênero influenciado por características informais”. Desse modo, a análise da carta pessoal possibilita uma ampla abordagem histórica e social, considerando o perfil dos escreventes selecionados. Assim, tomam-se como ponto de partida as condições de produção (quem, quando, onde as cartas foram produzidas...) e suas contribuições para a análise.

Sendo assim, o nosso estudo tem a carta de amor como objeto de investigação primeiramente porque ela possibilita o estudo histórico, já que a partir de sua composição conhecemos a data em que foi escrita, os interlocutores, o local. Em segundo lugar, porque o gênero fica, portanto, próximo ao contínuo da proximidade comunicativa, o que pode favorecer a ocorrência do fenômeno da variação linguística. Além disso, a carta de amor pode proporcionar a ocorrência da segunda pessoa do singular, por se tratar de uma interação entre um casal. Ainda, baseados em Ataíde (2020), defendemos que as correspondências do tipo carta de amor são permeadas por tradições do dizer amoroso, nas quais se evidenciam características típicas das comunicações marcadas por parâmetros de um grau maior de proximidade comunicativa entre os interlocutores tais como emocionalidade, privacidade, intimidade e espontaneidade. Destacam-se, neste tipo da carta pessoal, o uso do diminutivo “*a tua cartinha veio encher o meu coração de alegria...*”; a variação dos pronomes típico de segunda pessoa *tu* e *ocê* “*... só tu pode fazer a minha felicidade [...] mas Maria você duvida do meu amor?*”; as marcas da oralidade “*Olhe Maria*”; escolhas lexicais “*saudade, amor, tristeza, lembrança, dor, coração*”; e arranjos sintáticos “*meu coração cada dia te ama, você não me ama, te amo, te quero*” pertencentes tradicionalmente ao campo semântico do discurso amoroso.

Essas características da carta amorosa remetem-nos ao conceito de Tradição Discursiva. De acordo com Gomes e Lopes (2014, p.14), “o gênero carta pessoal apresenta fórmulas típicas repetidas em sua composição que remetem a usos pertencentes à natureza do texto”. As autoras mostram a relevância do conceito de Tradição Discursiva para os estudos que envolvem a historicidade da língua e do texto, considerando que determinados usos linguísticos não correspondem à norma predominante, mas às marcas

recorrentes na composição do gênero. Ao pensar nessas fórmulas típicas repetidas é possível entender a afirmação de Kabatek (2006, p. 512) quando diz que tradição discursiva “é a repetição de um texto ou forma textual que evoca uma determinada constelação discursiva”.

Em vista disso, o conceito de Tradição Discursiva torna-se importante neste estudo, uma vez que determinados usos linguísticos são motivados pela natureza do texto, e não pela norma de uso predominante. Isso ocorre porque “um texto pode corresponder a toda uma série de tradições co-presentes ao mesmo tempo; e a investigação empírica das TDs tem a tarefa da identificação dessa rede de tradições” (KABATEK, 2012, p. 586). Nessa perspectiva, o modelo de TD “revela recorrência a certas fórmulas, atos de fala, estilos, que estabelecem, na construção de um texto ou discurso, uma relação entre o momento atual e a tradição” (ANDRADE; GOMES, 2018, p. 30). Gomes e Lopes (2014a, p. 23) reafirmam que a relevância do paradigma das TD para a análise dos dados resulta de que “no processo analítico sócio-histórico dos usos linguísticos, percebermos uma distinção entre as ocorrências que retratam a norma vigente no período estudado e as fórmulas fixas, repetidas, convencionalizadas em determinado gênero particular”.

Com base nessa articulação teórica, a proposta do presente artigo é analisar as variações das formas dos paradigmas *tu* e *você* no contexto morfossintático acusativo nas cartas de amor do sertão pernambucano na primeira metade do século XX, cujas definições metodológicas serão abordadas no tópico seguinte.

3 Definições metodológicas

Seguindo o aporte teórico-metodológico adotado por Gomes e Lopes (2014), ao analisarem cartas pernambucanas do Recife e região metropolitana, utilizamos o modelo de análise quali-quantitativo para abordar os dados coletados na amostra de cartas de amor do sertão. Quanto aos procedimentos metodológicos, neste tópico definimos o *corpus*, o contexto de produção das cartas, o perfil dos missivistas e os fatores de análise.

3.1 A natureza do *corpus*

Para o estudo das estratégias acusativas que fazem referência ao interlocutor, selecionamos um *corpus* composto por 22 cartas⁴, pertencentes ao subgênero carta de amor. Essas correspondências representam a amostra do

⁴ O acervo foi doado pelos membros da família para o Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc), com autorização para pesquisa e publicação. Todo esse acervo foi doado pelos membros da família Ramos para o LeDoc, com autorização para pesquisa e publicação, e integra o banco de dados do projeto: www.ledoc.com.br. As letras referem-se às iniciais dos nomes dos remetentes que aparecem mencionados nas cartas.

português popular do século XX que fazem parte de um acervo de um total de 213 textos escritos, nas décadas de 1950, 1970 e 1990, por quatro casais, sendo 01 da região metropolitana de Recife e 03 casais do Sertão do Pajeú. Seleccionamos, para esta análise, vinte e duas (22) correspondências trocadas pelo casal R.S. e M.R., entre 1956 e 1960, e que foram localizadas no sítio Brejinho pela equipe do LeDoc, distrito pertencente à cidade de Triunfo, que fica a mais de 400 km da capital do Estado. No total, o *corpus* das cartas de amor interioranas contém 4.294 palavras e está distribuído da seguinte forma:

Quadro 1. Cartas de amor da década de 1950 da região do sertão pernambucano

Cartas de R.S. para M.R	Cartas de M.R. para R.S
Carta 1 R.S. 20 - 01 - 1956 - 308 palavras	Carta 22 M.R. sem data - 141 palavras
Carta 2 R.S. 02 - 11 - 1956 - 174 palavras	
Carta 3 R.S. 18 - 11 - 1956 - 227 palavras	
Carta 4 R.S. 02 - 12 - 1956 - 145 palavras	
Carta 5 R.S. 22 - 04 - 1957 - 160 palavras	
Carta 6 R.S. 29 - 06 - 1957 - 100 palavras	
Carta 7 R.S. 06 - 10 - 1957 - 110 palavras	
Carta 8 R.S. 20 - 11 - 1957 - 221 palavras	
Carta 9 R.S. 14 - 12 - 1957 - 163 palavras	
Carta 10 R.S. 18 - 02 - 1958 - 195 palavras	
Carta 11 R.S. 21 - 03 - 1958 - 137 palavras	
Carta 12 R.S. 04 - 05 - 1958 - 195 palavras	
Carta 13 R.S. 26 - 07 - 1958 - 200 palavras	
Carta 14 R.S. 31 - 08 - 1958 - 599 palavras	
Carta 15 R.S. sem data - 145 palavras	
Carta 16 R.S. sem data - 288 palavras	
Carta 17 R.S. sem data - 116 palavras	
Carta 18 R.S. sem data - 141 palavras	
Carta 19 R.S. sem data - 105 palavras	
Carta 20 R.S. sem data - 283 palavras	
Carta 21 R.S. sem data - 141 palavras	
Total de palavras = 4.153 palavras	Total de palavras = 141 palavras

Fonte: Ataíde (2020)

O *corpus* foi coletado no escopo do projeto intitulado *Banco Informatizado de Textos: a construção de um corpus de manuscritos e impressos pernambucanos do século XIX, XX e XXI*. Segundo Ataíde (2019), o acervo está disponibilizado na plataforma digital do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc) e foi transcrito pelos membros do projeto Para a História do Português Brasileiro - Equipe Regional de Pernambuco, adotando normas semidiplomáticas sugeridas pelo projeto PHPB.

Quanto aos procedimentos metodológicos, adaptamos as orientações propostas pela Sociolinguística Histórica⁵. Os métodos empregados neste trabalho estão descritos a seguir:

1. Delimitação da variável dependente;
2. Delimitação das variáveis independentes;
3. Coleta do *corpus* no site <http://ledoc.com.br/>;
4. Quantificação das estratégias acusativas;
5. Análise dos dados.

É válido ressaltar que não selecionamos fatores extralinguísticos como escolaridade ou sexo, porque o recorte do *corpus* não nos permite cruzar esses dados. Por outro lado, consideramos nas análises o perfil dos escreventes em relação à localidade de origem, que se difere da localidade dos produtores das missivas pernambucas que compõem outros *corpora* já estudadas no estado de Pernambuco (GOMES; LOPES, 2014), pois se trata de um fator significativo para a verificação da hipótese. Além disso, é importante mencionar que a quantificação das estratégias acusativas que se referem à segunda pessoa ocorreu através de busca manual, isto é, selecionamos todos os contextos de aparição das variáveis linguísticas e calculamos as porcentagens dessas ocorrências manualmente. Esse tipo de levantamento quantitativo foi possível em virtude do recorte do número de cartas que compõem o *corpus*.

3.2 O local de origem das correspondências amorosas

A comarca de Triunfo foi criada em 13 de junho de 1884, através da Lei Provincial n.º 1.805. A cidade está situada no Sertão do Alto Pajeú, no estado de Pernambuco, com uma área territorial de 181,4 Km², fronteira ao norte com o estado da Paraíba, ao sul com Calumbi, ao leste com o município de Flores e ao Oeste com o município de Santa Cruz da Baixa Verde. Tem o segundo ponto mais alto de Pernambuco, o Pico do Papagaio, a uma altura de 1.185 metros.

Inicialmente, no século XVIII, o que viria a se tornar a cidade de Triunfo era a serra da Baixa Verde, propriedade de Domingos Pereira Pita. Nessa época, chegou junto com os índios que vieram com ele, o missionário frei Vidal de Frescolero, conhecido por frei Vidal da Penha, que fez o aldeamento dos aborígenes na localidade. Em novembro de 1803, retirou-se para Cabrobó, assumindo o seu lugar o missionário frei Ângelo Maurício Niza, que construiu uma capelinha denominada *Nossa Senhora das Dores*, padroeira da

⁵ Ver CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolinguística histórica*. Madrid, Gredos. 2007.

cidade até hoje. Dessa forma, frei Ângelo foi considerado o fundador da cidade, ficando na localidade até falecer, em 07 de julho de 1824.

Sobre o sítio Brejinho, local de produção das missivas e de origem dos missivistas, há poucas informações. Segundo o censo do IBGE/2010, foram encontrados 100 endereços, sendo 55 domicílios particulares, 41 estabelecimentos agropecuários, 3 estabelecimentos de outras finalidades como comercial e religioso, além de 1 edifício em construção na localidade. A área tem aproximadamente 212 habitantes.

3.3 O perfil sociocultural dos escreventes

Com base no conteúdo das cartas, na aplicação de questionário e na entrevista sociolinguística realizada por Ataíde e Lima (2018), foi possível coletar informações sobre o local e a data de nascimento, a constituição familiar, o início do romance dos missivistas, a escolaridade, a prática de escrever as cartas e o contexto de produção dos escreventes. Na entrevista, descobrimos que **a missivista (M.R)**, que produziu uma das vinte e duas cartas do *corpus*, nasceu no sítio Brejinho, em 8 de agosto de 1940. Ainda criança, foi alfabetizada nas primeiras letras, sendo, para a época e região, considerada privilegiada pelo seu nível de instrução. Quando adulta, ocupou-se da costura e da escrita de testamentos e inventários de terras. Era devota do catolicismo e dedicava-se à vida de esposa, mãe e doméstica.

O **missivista (R.S.)**, autor de 21 cartas amorosas, também nasceu em Brejinho, Triunfo-PE, no ano de 1935 e atuou como agricultor e tirador de *trempe*⁶ no engenho da família de sua amada. Devido a sua pouca familiaridade com padrões da língua normativa da época e com a escrita de textos epistolares, o missivista R.S. delegava a redação de suas correspondências a um amigo, o redator que decidimos chamar de **T.Q.** Por ser uma prática corriqueira na vida dos brasileiros semialfabetizados residentes na região do Sertão do início do século XX, Ataíde (2020), denomina essa prática de escrita delegada, já que as correspondências são ditadas para serem escritas por um redator e, por isso, a materialização do texto é de um terceiro participante.

Na busca de informações sobre os participantes dessa prática, descobrimos que o **redator (T.Q.)** foi presidente do sindicato dos trabalhadores rurais de Triunfo-PE e ocupou-se das atividades de cozimento da rapadura e da agricultura. Além disso, foi professor, de apenas alunos homens, responsável pelo processo de escolarização de muitos moradores da região próxima ao sítio Brejinho, mesmo sem habilidades específicas para atuar como docente. Na época, era considerado professor leigo, já que era um dos poucos letrados da comunidade.

⁶ Chapa de ferro com buracos arredondados, colocada em fogão a lenha sobre o espaço destinado ao fogo, para sustentar as panelas.

3.4. Os fatores de análise

Para este estudo, delimitamos as estratégias acusativas que fazem referência ao interlocutor como variável dependente, manifestada através das formas variantes *te*, *lhe*, *você*, *o/a* e a estratégia *zero*. Quanto aos fatores de análise, selecionamos os fatores linguísticos *forma na posição de sujeito e posição do clítico*. A seguir, esclarecemos cada fator.

3.4.1 Forma na posição de sujeito

A partir desse fator, objetivamos saber se a forma empregada na posição de sujeito influencia na escolha do acusativo de segunda pessoa. Isto é, observaremos quais estratégias acusativas são empregadas em cada carta quando o sujeito é *tu* (exclusivo), *você* (exclusivo) ou *tu/você*.

Por hipótese, acreditamos, assim como Souza (2014), que:

- i) Quando o sujeito é *tu* (exclusivo) há a preferência pelo clítico *te*;
- ii) Quando o sujeito é *você* (exclusivo) há a preferência por formas de terceira pessoa;
- iii) Quando há a alternância entre os sujeitos, há a preferência pelo clítico *te*, por ser a forma original acusativa de segunda pessoa.

Apresentaremos alguns dados de introspecção que ilustram nossas hipóteses:

- Sujeito *tu* (exclusivo):
Tu és a dona do meu coração, por isso *te* amo de verdade.
- Sujeito *você* (exclusivo):
Você é a dona do meu coração, por isso *lhe* amo de verdade.
- Alternância entre os sujeitos *tu* e *você*:
Você é a dona do meu coração. Não *esqueças* que *te* amo de verdade.

3.4.2 Posição do pronome em relação ao verbo

Quanto a este fator, observaremos qual é a preferência pela colocação pronominal do acusativo, se pré-verbal ou pós-verbal. Além disso, se a posição pré-verbal do pronome *te* for a preferida pelos missivistas poderemos contribuir para a confirmação da hipótese de Cyrino (1992) de que esse clítico estaria se convertendo em um afixo no Português Brasileiro. Nosso objetivo não é corroborar a hipótese de Cyrino (1992), mas, ao postular que o *te* proclítico é preferido pelos brasileiros, observaremos em quais contextos

morfossintáticos há a ocorrência da ênclise em relação às estratégias acusativas de 2ª pessoa.

Para tanto, assim como Souza (2014), acreditamos que:

- I. A próclise é a posição preferida para a colocação do pronome na função acusativa;
- II. A ênclise ocorre em início de sentença.

Ilustramos, com dados introspectivos, nossas hipóteses:

- Preferência pela próclise
Eu te amo.
- Uso em início de sentença
Tu és a dona do meu coração. Amo-*te* de verdade.

Após a contextualização da temática, a delimitação teórica e a metodologia na qual nos embasamos, na próxima seção, apresentamos e analisamos os resultados obtidos.

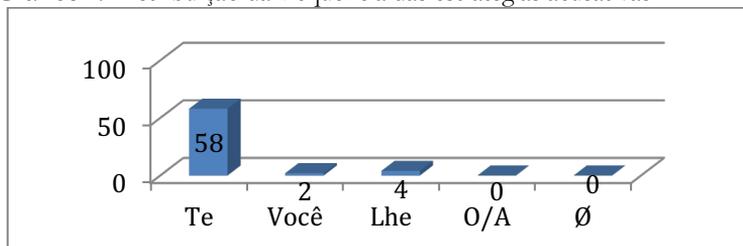
4 Análise dos dados

As questões da pesquisa e as hipóteses apresentadas no tópico anterior conduzem a análise das cartas sertanejas por quatro vieses: a frequência das estratégias acusativas, o uso do acusativo em relação ao sujeito, a posição acusativa em relação ao verbo e os indícios de tradição discursiva. Cada um desses vieses será abordado nos subtópicos seguintes.

4.1 Como se manifestaram as estratégias acusativas no *corpus*?

Estudos relacionados às formas pronominais mostram que a sintaxe acusativa para a segunda pessoa é preenchida, predominantemente, pelo clítico *te*, seguido de outros clíticos que originalmente ocupam essa mesma função (como os pronomes *o/a* e suas variantes *lo/la*) ou que originalmente fazem referência à função dativa (a exemplo do clítico *lhe*) (LOPES; CAVALCANTI, 2011; SOUZA, 2014, entre outros). Além disso, o objeto direto também pode ser manifestado através do pronome *você*, bem como da estratégia *zero* (LOPES et al., 2018).

Na amostra em análise, foram computadas 64 estratégias acusativas. O gráfico, a seguir, mostra a distribuição dos acusativos encontrados no *corpus*.

Gráfico 1. Distribuição da frequência das estratégias acusativas.

Fonte: os autores

Os excertos 6, 7 e 8 ilustram as ocorrências encontradas no *corpus*:

(6) “Maria o postal que tú me enviaste é | o retrato da nossa futura união é o sim<-> | bolo do nosso amor. Aqui termino com | [fol.1v] ~~ee~~ com um adeus de um coração que | **te ama** com todas as fibras de coração | | (CA_M_9_1957, grifos nossos).

(7) Levo [d] seu conhecimento que recebi sua | carta que veio metraser uma grande | surpresa porque você sendo noiva eu | pensava que você tinha se (~~você~~) es= | quecido de mim eu lhe digo que não | esquecerei **você** nunca pois o amor é o | mesmo. (CA_M_3_1956, grifos nossos).

(8) Olhe Maria se você me | amar tanto como eu **lhe amo** na= | da neste mundo poderá desfazer | os nossos sonhos e estará completa | a nossa felicidade (CA_M_22_SD, grifos nossos).

A partir da leitura do gráfico 1, observamos que o clítico *te* prevaleceu sobre as demais estratégias acusativas, estando, portanto, em conformidade com os resultados obtidos em estudos realizados em várias localidades do país (LOPES; CAVALCANTI, 2011; SOUZA, 2014). Por outro lado, nossos dados contrastam com os obtidos por Gomes e Lopes (2014), já que foi verificada, no estudo das autoras, a predominância do clítico *o/a* em cartas escritas predominantemente por pessoas ilustres. O clítico *lhe* foi a segunda estratégia mais produtiva no nosso *corpus*, seguido do pronome *você*, que figurou como a terceira estratégia mais frequente. Não foram encontrados dados dos clíticos *o/a* nem da *estratégia zero*. Esses resultados indicam que, embora em menor quantidade, as formas pronominais do paradigma de 3ª pessoa, ao migrarem para a 2ª pessoa, também estão assumindo a posição acusativa.

4.2 Forma na posição de sujeito e o uso do acusativo

Gomes e Lopes (2014), ao analisarem cartas pernambucanas, escritas por remetentes ilustres, durante um século (de 1869 a 1969), constataram, na

maior parte dos dados analisados, a uniformidade de tratamento entre os subsistemas pronominais, inclusive na relação entre a exclusividade ou alternância do sujeito e o acusativo.

Já as cartas escritas na década de 50, que compõem o *corpus*, apresentam a correlação entre o sujeito e o acusativo expresso no quadro 2. É válido ressaltar que, na única carta escrita pela missivista feminina, foi observada a mistura de tratamento na função nominativa e a não ocorrência de acusativo.

Quadro 2. Relação entre as estratégias acusativas e o uso do sujeito.

Sujeito \ Acusativo	Formas acusativas de 2P e o uso do sujeito				
	Te	Você	Lhe	o/a	Ø
Tu (exclusivo)	18/18 100%	-	-	-	-
Você (exclusivo)	9/14 64,3%	2/14 14,3%	3/14 21,4%	-	-
Tu/Você	24/25 96%	-	1/25 4%	-	-
Sem referência à segunda pessoa	7/7 100%	-	-	-	-

Fonte: os autores

O quadro 2 indica que o clítico acusativo *te* foi a estratégia predominante, independentemente da forma pronominal de sujeito empregada (*tu* exclusivo, *você* exclusivo e paradigma misto), obtendo frequência acima de 60%. Em relação aos contextos sem referência, foi categórico o uso do clítico *te*⁷.

Analisando cada relação entre sujeito e acusativo, registramos o uso categórico do *te* em cartas com uso exclusivo de *tu*, evidenciando a manutenção da uniformidade linguística, conforme apregoa os compêndios gramaticais prescritivos. Seguem, abaixo, alguns excertos:

(9) Maria mais uma vez eu quero | <↑diser> que **te amo** com toda lealdade no meu co= | razão nã há mais vaga para outra só | *tú* unicamente *tú* és a dona do meu coração | só a ti consagrei todo o meu amor por você | enfrentarei todo qualquer sacrifício, *tem* | paciencia e *espera* por mim que só assim | nós poderemos um dia realizar os nossos <□ sonhos>[fol.1v] Aqui termino com um adeus (~~ee~~lito)| cheio saudades | | **Amo-te** de verdade || R. S. [espaço] (CA_M_19_SD).

⁷ Por não estarem dentro de nosso escopo de investigação, as estratégias acusativas que estavam presentes nas cartas de sujeito *sem referência* foram quantificadas, porém não serão tomadas como objeto de análise do fator *uso do sujeito e acusativo*.

(10) *tú* | somente és a dona do meu coração | emerecedõra do meu amor porque | eu **te amo** com toda sinceridade. (CA_M_4_1956).

No trecho (9), o missivista apela para que a sua interlocutora tenha paciência e aguarde um tempo para que possam ficar juntos. O uso do pronome *tu* repetidamente revela o apelo do remetente e a intenção de destacar quem, de fato, ele ama. O imperativo, expresso por verbos do paradigma pronominal de segunda pessoa, mantém a uniformidade tratamental na função nominativa. No final do manuscrito, o amante se despede com uma construção frequente em suas cartas: amo-te de verdade. A construção “*te* + verbo amar + de verdade” parece demonstrar que a amada ainda tem dúvidas quanto ao amor que o missivista dedica a ela. A incidência do clítico *te* também pode ser explicada pela recorrência de fraseologias dessa natureza na tradição das cartas de amor. O trecho (10) corrobora essa afirmação, uma vez que o remetente termina a frase com “eu *te* amo com toda sinceridade”. Novamente, observamos a reafirmação do amor através do substantivo “sinceridade”, uma vez que um “eu *te* amo” seria insuficiente para provar os sentimentos do missivista. O emprego da próclise no início da oração (9) pode ocorrer pela interferência do missivista redator (T.Q.), por ele apresentar mais habilidade com as normas de uso mais monitoradas na escrita.

No que se refere à relação entre o objeto direto e a exclusividade do pronome *você* nas cartas, notamos que houve maior variação entre as estratégias acusativas, com predomínio do clítico *te* (9 ocorrências) e, com menor frequência, o clítico *lhe* (3 ocorrências) e o pronome *você* (2 ocorrências).

A variação entre as três estratégias acusativas pode ser explicada pelo traço [+humano] das formas *lhe* e *você*, e pela resistência do pronome *te*, visto que o paradigma de segunda pessoa, por manter o traço de pessoa, favoreceria a implementação de formas que mantivessem esse traço, mesmo sendo de outro paradigma. Isso pode explicar o motivo da não ocorrência dos clíticos *o/a* nesta amostra, já que estes mantêm os traços [+humano] ou [-humano], a depender do referente (SOUZA, 2014). Os recortes a seguir representam as estratégias encontradas entre a relação *você*-sujeito exclusivo e acusativo:

(11) Levo [*á*] seu conhecimento que recebi sua | carta que veio metraser uma grande | surpresa porque *você* sendo noiva eu | pensava que *você* tinha se (~~você~~) es= | quecido de mim eu *lhe* digo que não | esquecerei **você** nunca pois o amor é o | mesmo. (CA_M_3_1956, grifos nossos).

(12) *Você* está para casar com | um outro rapaz que tem recurso e é do gosto | de seus pais e eu sou pobre e nada ten- | ho o que eu tenho muito é amor para | com você [...] *Olhe* Maria eu **lhe vi** hoje | de longe fiquei atormentado pelas sau= | dades mais ardentes pois eu **te amo** com | todas as forças do meu coração (CA_M_3_1956, grifos nossos).

No recorte (11), o missivista inicia a carta informando que recebera a missiva anterior da interlocutora. Ele se mostra surpreso, uma vez a remetente estava noiva de outra pessoa, mas nada impediria que ele a amasse. Nesse trecho, notamos a presença do paradigma de terceira pessoa, não somente na função nominativa (*você*), mas também na dativa (*lhe* digo), genitiva (*seu* conhecimento) e acusativa (esquecerei *você*). No trecho (12), presente na mesma carta, observamos as ocorrências dos clíticos acusativos *te* e *lhe*, bem próximos. A recorrência das três variantes acusativas em uma mesma carta evidencia a alternância entre os paradigmas de 2ª e 3ª pessoa. Pela incidência do *te*, os dados quantitativos colocam o contexto morfossintático acusativo em uma posição de resistência do paradigma do *tu*, a partir da inserção do *você* no paradigma de 2ª pessoa.

Com relação ao uso de *tu* e *você* na posição de sujeito em uma mesma carta, registramos o uso quase categórico do clítico acusativo *te*, com 24 ocorrências, em detrimento da baixa frequência do clítico *lhe* com 1 ocorrência. Vejamos os exemplos abaixo:

(13) Maria *vo | cê* duvida do meu amor? pois eu | *lhe* digo *você* faz mal em duvidar | porque pelo teu amor pela tua pes= | sã eu enfrentarei tudo na vida | porque eu **te amo** com todas asfi- | bras do meu coração porque o amor | que eu te consagro não é fingi= | do, é um amor verdadeiro firme leal – e decidido. Maria *tú* és a minha | noiva e tenho que **amar-te** até mor- | rer e os laços matrimoniaesvão nos | unir para toda a vida se Deus quiser [espaço] (CA_M_13_1958, grifos nossos).

(14) Maria eu observei nas pala= | vras que *mandastes* dizer na carta | que *tu* ainda *duvidas* do meu amor | mas *você* não tem razão de assim | se expressar porque eu **lhe amo** com | toda sinceridade e para mim, digo | sem hipocrisia só existe *você* não | tem outra môça. (CA_M_21_SD).

Em (13), observamos dois períodos: no primeiro, há o sujeito *você* correlacionado ao pronome *te*, na construção *te* + *verbo amar*; no segundo, temos o sujeito *tu* também correlacionado ao clítico *te*, na mesma construção, embora a posição do clítico esteja posposta ao verbo. O uso dos sujeitos *tu* e *você* com a forma *te* também mostra a resistência desse clítico na função acusativa. Em (14), único dado de *lhe* nas cartas mistas, há a ocorrência desse clítico com o verbo *amar* na primeira pessoa.

Considerando as hipóteses levantadas por Souza (2014) e retomadas nesta análise, os dados das cartas de amor sertanejas revelam que:

- a) Nos casos em que o sujeito é *tu* (exclusivo), também houve a preferência pelo clítico *te*, com a incidência de 100%, confirmando a hipótese;

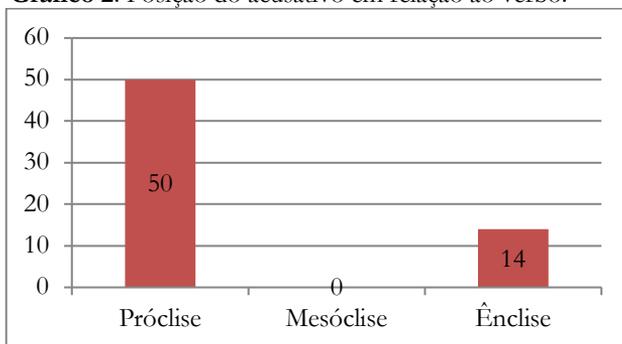
b) Nos casos em que o sujeito é *você* (exclusivo), não houve a preferência por formas de terceira pessoa, houve o predomínio do clítico *te*, com 64,3%, seguido das formas *você*, com 14,3% e *lhe*, com 21,4%. Neste caso, a hipótese não foi confirmada, evidenciando a resistência do paradigma de *tu*.

c) Nos casos de alternância entre os sujeitos, houve a preferência pelo clítico *te*, com 96% das ocorrências, por ser a forma original acusativa de segunda pessoa, dado que confirmou a hipótese.

4.3 Posição do acusativo

O clítico, no português brasileiro, pode ser colocado em três posições: próclise (*te amo*), mesóclise (*amar-te-ei*) e, por fim, ênclise (*amo-te*). A gramática prescritivo-normativa estabelece uma série de regras para a colocação pronominal, que, muitas vezes, não corresponde aos efetivos usos. Aqui, vamos analisar os contextos morfossintáticos que favorecem a posição enclítica nos dados desta amostra, uma vez que por ser menos frequente no *corpus*⁸, conforme expõe o gráfico (1), essa posição merece destaque. Ressaltamos que excluímos da análise a mesóclise, já que não foram registrados dados de acusativo nessa posição.

Gráfico 2. Posição do acusativo em relação ao verbo.



Fonte: os autores

O gráfico 2 indica a predominância de pronomes acusativos pré-verbais (15), sendo 46 dados do clítico *te* e 4 do clítico *lhe*. Alguns estudos mostram que a alta preferência pela realização do clítico *te* na posição pré-verbal pode evidenciar que esse pronome está se tornando um afixo no português brasileiro (CYRINO, 1992; LOPES; SOUZA; OLIVEIRA, no prelo *apud* Souza, 2014). A posição enclítica (16) foi manifestada através de 14 ocorrências:

⁸ Exceto a mesóclise, devido ao fato de que não foram encontradas ocorrências no *corpus*.

(15) Olhe Maria eu **lhe** vi hoje | de longe fiquei atormentado pelas
sau= | dades mais ardentes (CA_M_3_1956, grifos nossos).

(16) Se eles não | quiserem, e se tú tiveres o amor que | eu tenho te
tenho Deus resolverá e eu me | casarei contigo. Amo-te de verdade |
quero saber logo a solução (CA_M_6_1957, grifos nossos).

Quais são, então, os contextos que favorecem a colocação pronominal pós-verbal? De início, observamos a distribuição das formas enclíticas no *corpus*, a partir do quadro 3:

Quadro 3. Distribuição dos acusativos na posição pós-verbal.

Acusativo	Quantidade de dados na posição pós-verbal	%
Te	12	85,7%
Você	2	14,3%
Lhe	0	0%
Total	14	100 %

Fonte: os autores

De acordo com o quadro 2, observamos a alta produtividade da forma *te* enclítica. O pronome *você*, com menor frequência, figurou como segunda estratégia mais produtiva. Esses dados de *você* enclítico podem ser explicados por uma relação de contraste com o *você* nominativo, uma vez que se o acusativo *você* fosse realizado na posição pré-verbal, assumiria a função de sujeito e não de complemento verbal. Por fim, não foram registrados dados de *lhe* enclítico.

Quanto aos contextos morfossintáticos, registramos a ocorrência de acusativos postposos aos verbos nos seguintes casos:

- Início de sentença

(17) Se eles não | quiserem, e se tú tiveres o amor que | eu tenho te
tenho Deus resolverá e eu me | casarei contigo. Amo-te de verdade |
quero saber logo a solução (CA_M_6_1957, grifos nossos)

- Próximo a verbos no infinitivo

(18) A presente carta é a portadora | das minhas saudades do meu amor
| porque o meu pensamento vôapa = | ra junto de ti e o meu coração
sente- | se feliz em te amar e não pode | [[(esquecerte)]] esquecer-te
um só mo= | mento (CA_M_22_SD, grifos nossos).

- Quando o acusativo foi o pronome *você*

(19) Levo [ã] seu conhecimento que recebi sua | carta que veio metraser uma grande | surpresa porque você sendo noiva eu | pensava que você tinha se (~~você~~) es= | quecido de mim eu lhe digo que não | esquecerei **você** nunca pois o amor é o | mesmo (CA_M_3_1956, grifos nossos).

O primeiro contexto coaduna-se ao que apregoa os compêndios gramaticais, ao normatizarem o uso da ênclise em início de sentença. Talvez o uso do objeto direto na posição enclítica, em início de sentença, esteja mais condicionado à parte da carta em que o acusativo cumpre uma norma gramatical, uma vez que observamos que as ocorrências de acusativo em início de frase, o que pode revelar uma interferência do missivista masculino narrador (R.S.). Essas ocorrências realizavam-se nas seções de despedida junto ao verbo amar, o que reforçaria os indícios de que a *construção te + verbo amar* se trata de uma tradição discursiva recorrente nas cartas de amor analisadas. Em relação ao segundo contexto observado, notamos a ocorrência do clítico *te* junto ao verbo esquecer, como uma forma de reforçar a ideia do comprometimento do missivista com a relação que está se estabelecendo entre o casal. Por fim, o último contexto observado corrobora a nossa afirmação da necessidade da posição enclítica do acusativo *você* para não se confundir com a função nominativa que essa forma assume.

4.4 Construção *te + amar*⁹ como indício de uma tradição discursiva

Durante a leitura das cartas, observamos a alta recorrência do clítico acusativo *te* junto ao verbo *amar*. Para confirmar a produtividade dessa construção, mapeamos a relação entre o clítico acusativo e o verbo a que o pronome se refere, a fim de verificarmos indícios de ocorrência de uma tradição discursiva. O quadro 4 expõe os resultados obtidos.

Quadro 4. Distribuição da frequência do clítico *te* em relação ao verbo predicador.

Construção <i>te + verbo predicador</i>	Quantidade de ocorrências do clítico <i>te + verbo</i>	%
Te + amar	46	79,3 %
Te + encontrar	2	3,5 %
Te + esquecer	5	8,6 %
Te + aborrecer	1	1,7 %
Te + ver	2	3,5 %
Te + convidar	1	1,7 %
Te + deixar	1	1,7 %
Total	58	100 %

Fonte: os autores

⁹ Essa subseção não se trata de um fator controlado, mas de um desdobramento das seções anteriores, visto a necessidade de se pontuar a recorrência da construção *te+verbo amar*.

O quadro acima confirma a alta produtividade da construção *te + amar*, obtendo 79,3% de frequência. A construção *te + verbo esquecer* foi a segunda mais produtiva, seguida das construções com os verbos *encontrar*, *ver*, *aborrecer*, *convidar* e *deixar*, respectivamente. Assim, considerando a reiteração da construção *te + amar*, quantificamos as ocorrências dessa estrutura em relação à exclusividade ou alternância do sujeito nas cartas, conforme estão expostos no quadro 4 os resultados obtidos para essa relação.

Quadro 5. Quantidade de ocorrências do clítico *te + verbo amar* em cartas amorosas da década de 50.

Sujeito	Quantidade de ocorrências de <i>te + verbo amar</i>	%
Tu (exclusivo)	16/18	88,9%
Você (exclusivo)	7/9	77,78%
Tu/Você	18/24	75%
Sem referência	5/7	71,4%
Total	46/58	79,3%

Fonte: os autores

Das cartas em que o *tu*-sujeito apresentou exclusividade, foram contabilizadas 18 ocorrências do clítico *te*, sendo 16 delas referentes à construção *te + verbo amar*. Nas demais relações entre o sujeito e o clítico acusativo, as frequências também foram altas, superando 70%. Isso pode indicar que essa construção parece tratar-se de uma tradição discursiva própria do subgênero carta de amor. O missivista faz uso dessa construção tanto na despedida, quanto no corpo do texto.

A despedida, por se tratar de uma parte mais conservadora da carta, favorece, de fato, a manutenção do clítico *te* junto ao verbo *amar*. O corpo do texto, no entanto, por ser uma parte mais flexível, passível de maior variação, também mantém essa construção ao lado de *lhe + amar*. É válido sublinhar que há nas cartas raros dados do clítico *lhe* junto ao verbo *amar*, conforme ilustram os excertos 20 e 21, o que se configura como mais um indicio de que a construção mais recorrente é *te + verbo amar*.

(20) Maria eu observei nas pala= | vras que *mandastes* dizer na carta | que *tu* ainda duvidas do meu amor | mas *voçê* não tem rasão de assim | se expressar porque eu **lhe amo** com | toda sinceridade e para mim, digo | sem hipocrisia só existe você não | tem outra môça. (CA_M_21_SD, grifos nossos).

(21) *Olhe* Maria se *voçê* me | amar tanto como eu **lhe amo** na= | da neste mundo poderá desfazer | os nossos sonhos e estará completa | a nossa felicidade. (CA_M_22_SD, grifos nossos).

É importante salientar que na carta 21, de onde retiramos o excerto 20, há a construção *lhe + amar* no corpo do texto; na despedida, porém, o missivista empregou a construção *te + amar*, o que reforçaria a ideia de que essa composição se trata de uma tradição discursiva, uma vez que houve a manutenção dessa configuração em uma parte específica da carta, com a finalidade de marcar o encerramento das missivas analisadas.

Considerando que as fraseologias que se configuram como tradição discursiva são modos de dizer que se repetem ao longo do tempo e que podem não revelar as normas de uso vigente, neste caso, mesmo se excluirmos os dados de *te + verbo amar* de nossa contabilidade, como uma forma de tentar explicar as normas de uso da língua sem a interferência das tradições discursivas, ainda teremos a predominância do clítico acusativo *te*, corroborando a hipótese de Lopes *et al.* (2018) ao afirmarem que o *você* se implementou com mais força no paradigma pronominal na função nominativa em detrimento de outras funções, como a acusativa.

5 Considerações finais

A reorganização da função acusativa, após a inserção do *você* nominativo no paradigma pronominal brasileiro, incorporou formas de 2^a e 3^a pessoa. A partir da análise das formas alternantes na função acusativa em cartas escritas na década de 50, do século XX, por missivistas não ilustres do sertão pernambucano, nos propusemos a responder as seguintes questões: i) como se deu a implementação do *você* no paradigma de segunda pessoa na função acusativa e a resistência do clítico *te* como estratégia acusativa no Português Brasileiro frente a formas do paradigma de terceira pessoa? ii) Quais contextos morfosintáticos favorecem a ocorrência das formas alternantes na função acusativa na posição pós-verbal? Sintetizamos as respostas nos parágrafos seguintes.

No geral, foram computadas 64 estratégias acusativas. O clítico acusativo *te* apareceu em 58 casos, o clítico *lhe* em 4 e o pronome acusativo *você* em 2. Quanto à relação entre o sujeito e o acusativo, observamos a predominância do clítico *te* independentemente do sujeito empregado, confirmando nossas hipóteses em parte. Das três hipóteses, apenas uma não foi confirmada, já que quando o sujeito foi o *você* exclusivo houve a predominância do clítico *te*. Pensávamos, por outro lado, que haveria uma maior produtividade de formas de terceira pessoa. Longe de ser um problema, esses resultados só confirmam a hipótese de Lopes *et al.* (2018) ao postularem a resistência do clítico *te* na função acusativa.

No que se refere à posição do clítico, constatamos que a próclise é a posição preferida para a colocação do acusativo pelos missivistas. A posição pré-verbal figurou em 50 casos, em relação à pós-verbal, que se manifestou em 14. Quanto aos contextos favorecedores da ênclise, nossas hipóteses foram confirmadas, já que observamos a presença do acusativo posposto ao verbo

nos seguintes casos: i) início de sentença; ii) quando acusativo foi o pronome você. Além disso, observamos um outro contexto morfossintático favorecedor: a proximidade com verbos no infinitivo.

Além desses resultados, é válido mencionar a alta produtividade da construção *te+ amar* neste *corpus*. Das 58 ocorrências do clítico *te*, em 46 casos ele apareceu próximo ao verbo amar, o que evidencia uma tradição discursiva utilizada predominantemente no fechamento das cartas de amor analisadas.

Assim, o presente estudo, longe de ser um exaustivo mapeamento descritivo do português falado no Brasil na década de 50, contribui para a compreensão da manifestação das formas alternantes na função acusativa em cartas amorosas, ainda que o *corpus* e a análise sejam preliminares. À medida que forem surgindo novos materiais, as lacunas que se apresentam neste trabalho podem ser supridas.

É válido ressaltar que, para investigações futuras, pretendemos ampliar o escopo de investigação para cartas de amor produzidas na década de 70 e confrontar os dados das duas décadas. Além disso, intencionamos a incorporação da teoria do poder e da solidariedade, idealizada por Brown e Gilman (1960), no aprofundamento da análise até aqui empreendida.

REFERÊNCIAS

ATAÍDE, C. A.; LIMA, T. J. S. A variação diatópica dos pronomes pessoais Tu e Você em cartas de amor do sertão pernambucano do século XX. **LaborHistórico**, v. 4, n. 2, 2018. p. 92-103. Disponível em: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i2.17500>.

_____. Aspectos sócio-históricos dos manuscritos e impressos pernambucanos. **Palimpsesto: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 17, n. 28, 2019. p. 72-103. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/palimpsesto.2018.42148>.

_____. A constituição de corpora sóciohistóricos do português brasileiro: edições de cartas pessoais e o modelo de Tradição Discursiva. **Revista Diálogos**. UFMT, V. 8, n. 2, p. 01-21, 2020. ISSN 2319-0825.

ANDRADE, M. L. C. V. O.; GOMES, V. S. Tradições discursivas: reflexões conceituais. In: CASTILHO, Ataliba T. de; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; GOMES, Valéria Severina (Coord.). **História do português brasileiro: Tradições discursivas do português brasileiro: Constituição e mudança dos gêneros discursivos**. v.7. São Paulo: Contexto, 2018.

BROWN, P; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. **Style in Language**. Cambridge-Mass: MIT Press, 1960.

COSTA, A. C. Ação – Formulação – Tradição: A correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944, entre proximidade e distância

comunicativa. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Org.). **História do português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924 a 1944**. Natal: EDUFRN, 2012.

CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolingüística histórica**. Madrid, Gredos. 2007.

CYRINO, S. M. L. **Observações sobre a aquisição de clíticos no português do Brasil**, ms, 1992.

GOMES, V.S.; LOPES, C. R. S. **Variação entre as formas dos paradigmas tu-você em cartas pernambucanas dos séculos XIX e XX**. Revista do Gelne: UFRN, 2014.

_____. **Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): Tradição Discursiva e sociopragmática**. Relin, nº21 Minas Gerais: Periódico em letras UFMG, 2016.

JÚLIO, T. S. L. **“Maria eu observei nas palavras que mandastes dizer na carta que tu ainda duvidas do meu amor, mas você não tem razão de assim se expressar”**: a variação dos pronomes pessoais Tu e Você em cartas de amor rurais do sertão pernambucano. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Letras da UFRPE. Serra Talhada: UFRPE-UAST, 2018.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança lingüística. In: LOBO, T. et al (Orgs.). **Para a história do português brasileiro**. Volume VI, Salvador: EDUFBA. 2006.

KABATEK, J. Tradição discursiva e gênero. In: LOBO, Tânia et al. (Org.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2012, 579-588.

LOPES, C. R. S.; CAVALCANTE, S. **A cronologia do voçamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te**. Revista Linguística, Madrid, v. 25, p. 30-65, 2011.

LOPES, C. R. S. et al. **História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista**. Edº 1, São Paulo: Contexto, 2018.

PESSOA, M. B. Da carta a outros gêneros textuais. In: DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia; CALLOU, Dinah (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/LETRAS FAPERJ, 2002. p. 197-205.

SILVA, J. Q. G. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos**. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SOUZA, C. D. **Eu te amo, eu lhe adoro, eu quero você**: a variação das formas de acusativo de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980). Rio de Janeiro: UFRJ – FL, 2014.

Sites consultados:

<http://ledoc.com.br>. Acesso em 10 de maio de 2019.

<https://informacoesdoBrasil.com.br/rua/pe/triunfo/sitio-brejinho+6490>. Acesso em 20 de junho de 2019.

Recebido em 12 de março de 2021

Aceito em 20 de junho de 2021.

Publicado em 30 de dezembro de 2021.

SOBRE OS AUTORES

Cleber Ataíde é doutor em Linguística (2013) pela Universidade Federal da Paraíba e professor na graduação e pós-graduação na Universidade Federal Rural de Pernambuco/Campus de Serra Talhada. Como pesquisador, coordena o Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc) e o projeto Para História do Português Brasileiro em Pernambuco (PHPB). É membro dos grupos de pesquisa certificados pelo CNPq Tradições Discursivas do Ceará (TRADICE-UFC), do Grupo de Investigações Funcionalistas (GIF-UFPB) e líder do Grupo de Estudos da Língua em Uso (ELU-UFRPE). Foi presidente do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE), no biênio 2016-2018 e, atualmente, é conselheiro da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) e do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste (GELNE). Em cooperação com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, integra a Comissão Científica Internacional do projeto *Pombalia: Pombal Global*, do qual é coordenador em Pernambuco.

E-mail: cleberataide@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9340-9977>

Antônia Caroline Alves da Silva é graduada em Letras pela Universidade Federal Rural de Pernambuco/Campus de Serra Talhada (UFRPE/UAST). Atuou como bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPQ) 2018-2019. Participou do Programa de Iniciação Científica Voluntária da UFRPE (PIC/UFRPE) 2017-2018. Foi bolsista do Programa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) 2015-2017. É membro do grupo de pesquisa Estudos da Língua em Uso (ELU-

UFRPE) e colaboradora do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc). É servidora pública do estado da Paraíba, vinculada à Secretaria de Estado da Educação, da Ciência e da Tecnologia (SEECT/PB).
E-mail: antoniacarolinea@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5306-396X>

Valéria Severina Gomes é doutora em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco, com estágio de pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professora da graduação e pós-graduação em Estudos da Linguagem na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística de Texto, Linguística Aplicada, Linguística Sócio-histórica e Tradições Discursivas. Atualmente, integra a equipe de pesquisadores do Projeto Nacional Para a História do Português Brasileiro (PHPB), do Tradições Discursivas do Ceará (TRADICE); do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc) e é coordenadora do Grupo de Historicidade do Texto e Ensino de Língua (HISTEL), em parceria com a Universidade de Genebra e a Universidade Federal do Ceará. Foi presidente do Grupo de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste - GELNE, no biênio 2014-2016 e vice-presidente no biênio 2016-2018.
E-mail: lelavsg@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4331-7775>